



## ESTUDANDO ESTEREÓTIPOS EM SALA DE AULA: ANÁLISE DE INTERVENÇÃO DO PIBID

DOLSAN, H. A.

**RESUMO:** O conhecimento não se constrói a partir da apresentação estática do conteúdo, deve-se procurar novas estratégias priorizando a resolução mesmo que teórica de problemas sociais que desafiam tanto professor quanto aluno em sociedade. E, se hoje vivemos em uma sociedade repleta de preconceito é coerente afirmar que ela é fruto de discursos excludentes e que hoje propagam o preconceito e a intolerância. Entre inúmeros estereótipos, a supremacia branca e magra transborda das páginas da revista para a triste realidade vivida em nosso cotidiano: o preconceito. O artigo visa relatar analisando uma intervenção em sala de aula pelo Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) analisando os resultados obtidos a partir de uma pesquisa dos próprios alunos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sociedade; Preconceito; Intolerância; Estereótipo; Publicidade.

**ABSTRACT:** Knowledge is not built from the static presentation of content, it's necessary to look for new strategies prioritizing the same resolution, as theoretical, of social problems that challenge both teacher and student in society. And, if today we live in a society with preconception, it's coherent to say that it is the fruit of discourses that exclude and that today spread prejudice and intolerance. Among countless stereotypes, white and thin supremacy overflows from the pages of the magazine for the sad reality lived in our daily life: prejudice. The article aims to report analyzing an intervention in the classroom by the Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) analyzing the results obtained from a research of the students themselves.

**KEY WORDS:** Society; Preconception; Intolerance; Stereotype; Advertising.

### 1. Introdução

Quando nós – professores e alunos – durante uma atividade do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) atentamos tentando ter um olhar mais preciso em relação às publicidades nas revistas e seus estereótipos, a primeira impressão que nos tomou conta é que a população brasileira é branca e favorecida economicamente, o mesmo acontece muito se analisarmos telenovelas brasileiras, por exemplo. Estas e outras questões - por exemplo a própria estética enquanto construção de um padrão de beleza hegemônico, o pensamento machista



construído a partir da representação das mulheres afro-brasileiras onde se faz presente a sensualidade e perversidade, entre outros problemas também relacionados à saúde, por exemplo, são acarretados decorrentes desta pressão à uma padronização da beleza construída, a exemplo bulimia e anorexia - foram discutidos e analisados. Além disso, considerando que o Brasil em questão populacional é composto majoritariamente por afrodescendente, procuramos buscar o porquê da presença majoritária de pessoas com a cor de pele branca, ainda que de forma “superficial”.

Vivemos em uma sociedade de informação e, isto implica dizer que vivemos de um modo em que os sistemas econômico-políticos e culturais são implementados por redes cibernéticas e também imagens. (SODRÉ; PAIVA, 2002). Se hoje chegamos a tal ponto é porque existe um passado de construções e inovações tecnológicas e junto a elas desenvolve-se outras questões como por exemplo o preconceito. Entendemos por preconceito uma atitude negativa entre determinados grupos, atitudes estas baseadas em generalizações deformadas ou incompletas. Por sua vez, essa generalização também compreendida por representação mental é chamada de estereótipo. Em suma, significa atribuir determinada característica idêntica a qualquer pessoa de um grupo independente de diferenças. Sendo assim, os estereótipos podem ser paradoxalmente a causa e consequência do preconceito e tanto o estereótipo quanto o preconceito geram discriminação contra determinado grupo. (NUNAN, JABLONKI, 2007).

Historicamente falando, em nosso país quer queira ou não, construiu-se uma elite branca e junto à isto construiu-se também uma valorização da cor da pele branca – sem contar o imaginário -, do corpo helenístico em suas mais perfeitas formas, constituindo aos poucos o hoje e o que podemos ver na mídia. A mídia por sua vez é marcada por discursos abertos, ou seja, a forma que se constrói as percepções e o poder que estas percepções imprimem em nosso cotidiano perpassam por toda uma trajetória discursiva que aparenta estar aberta a todos os ventos e colocada à disposição de cada sujeito em nossa sociedade, sem restrições prévias (FOUCAULT, 1996). Estes discursos – cabíveis à análise mais detalhada do próprio contexto em que estão inseridos – constroem representações de preconceito e intolerância, como dito anteriormente construído no passado, entretanto um passado ainda vivo em nosso presente ou talvez, um presente repetente com



marcas de um passado não tão distante. Suponhamos que muitas vezes tão vivo que não nos damos conta do quão tortuosos caminhos trilhados foram no passado e que se hoje estamos com problemas na sociedade brasileira é porque remonta uma “origem”.

Este foi o propósito da atividade que os bolsistas do PIBID Interdisciplinar atuantes em Itajaí (Santa Catarina) desenvolveram com os estudantes de duas turmas de nono ano da Educação Básica e, este artigo surge dando continuidade ao trabalho iniciado –entretanto não terminado - no Núcleo de Estudo Afro-Brasileiro (NEAB) da Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI) e outras pesquisas fora. Mas, como dito, nosso propósito foi[é] de ensinar que as publicidades nos meios de comunicação muitas vezes são seletivas, excludentes e restritas à uma determinada característica de corpo e além disso, fazer que compreendam que isso é uma construção histórica de contextos em que também ocorreu a marginalização do negro no próprio sistema. Mas essa luta pela construção de uma sociedade igualitária e justa não é de hoje obviamente. Eles por sua vez puderam acompanhar a discussão com seus próprios olhos, analisando propagandas em revistas (anexo).

Desde a abertura política no Brasil, criou-se leis em prol à igualdade racial. Existem leis como por exemplo, a Lei nº 10.639/2003 que tornou obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira, a lei nº 12.288/2010 que garante ao cidadão a igualdade Racial, destinado a garantir à população negra a efetivação da igualdade de oportunidades, a defesa dos direitos étnicos individuais, coletivos e difusos e o combate à discriminação e às demais formas de intolerância étnica. Em relação à mídia temos a lei nº 4370/98 que obriga a presença mínima de 25% de afrodescendentes entre os atores e figurantes dos programas de televisão – extensiva aos elencos de peças de teatro – e de 40% nas peças publicitárias apresentadas nas tevês e nos cinemas<sup>1</sup>.

Se hoje vivemos em uma sociedade repleta de preconceito é coerente afirmar que ela é fruto de discursos excludentes e que hoje propagam o preconceito e a intolerância. Em outras palavras, discursos que estão abertos à todos – visto que em uma sociedade capitalista, o que move o “todo” é o dinheiro, os favorecidos

---

<sup>1</sup>BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. 35.ed. Brasília, DF: Centro de Documentação e Informação, Edições Câmara. 2012. Disponível em <[http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/15261/constituicao\\_federal\\_35ed.pdf](http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/15261/constituicao_federal_35ed.pdf)>. Acesso em: 25/10/2016 às 11:52.



economicamente – que tenham influência – o capital -. Entretanto existe luta e resistência para ensinarmos a igualdade aos outros. São por exemplo contextos de preconceito e também contextos de impensáveis e implausíveis preconceitos, como o nosso, que se constrói formas de luta. São discursos tendenciosos e preconceituosos que refletem no quadro social, e que se hoje existem políticas públicas que visam contrariar este discurso, não é mera coincidência, não é mesmo?

## 2. Justificativa da atividade

Procurando caminhar pelo pensamento da pedagogia histórico-crítica, deve-se pensar que a forma que o professor ensina, deve estar relacionada constantemente ao contexto dos alunos, suas várias realidades e, além disso, o professor mediando aprendizagem entre o conhecimento científico e o conhecimento cotidiano do aluno, levaria ele a desenvolver plenamente as operações mentais de analisar, criticar, compreender, comparar, generalizar, entre outras. Elas, por sua vez "correspondem a processos de aquisição de conhecimento, experiências, ideias, valores, práticas que não estão ligadas especificamente a uma instituição" (LIBÂNEO, 2011, p.17), em outras palavras, a aprendizagem dos alunos e os bons resultados nas atividades de acompanhamento – avaliações - de todos os alunos e isto inclui também alunos com necessidades especiais evidentemente, vão da maneira que o professor o adequará, buscando sempre inovar a forma de ensinar para todos, independentemente de quem, evidentemente despertando o interesse do aluno, que se não ele, ninguém mais poderá fazer por ele – além do incentivo - a busca pelo conhecimento. Em relação a isso, ao entregarmos as atividades de análise de revistas, podemos perceber tamanho envolvimento dos alunos, pois despertaram o interesse pelo conteúdo, pois ele já não é mais estático, ele torna-se vivo.

O processo de ensino-aprendizagem pode ser desenvolvido a partir do confronto entre o aluno e o objeto sistematizado do conhecimento, isto é, o conteúdo a ser trabalhado. Neste processo ocorre que tanto o professor quanto o aluno agem no sentido de uma elaboração interpessoal de aprendizagem, ou seja, a construção do conhecimento se dá entre eles por meio do diálogo, além disso outras formas de comunicar-se ou propriamente aprender. Esta construção é determinada por fatores



sociais e individuais acerca de cada um na relação entre aluno, professor e conteúdo. Pontua-se que nenhum deles nesta relação é neutro, ou seja, no processo pedagógico ocorre que todos são condicionados por aspectos subjetivos, objetivos, culturais, políticos e econômicos, bem como de classe, e no meio em que se encontram ou de onde vieram. Portanto, uma atividade de análise de revista tem resultados significativos – e muito -.

Metodologicamente, a perspectiva apresentada na obra *Uma pedagogia histórico-crítica* de João Luiz Gasparin (2009), nos diz que é preciso pensar enquanto professores que no processo de ensino-aprendizagem para o aluno,

[...] a aprendizagem só é significativa a partir do momento em que os educandos introjetam, incorporam ou, em outras palavras, apropriam-se do objeto do conhecimento em suas múltiplas determinações e relações, recriando-o e tornando-o “seu”, realizando ao mesmo tempo a continuidade e a ruptura entre o conhecimento cotidiano e o científico. (GASPARIN, 2009, p. 50)

O conhecimento não se constrói a partir somente da apresentação estática do conteúdo, pelo contrário, desenvolve-se de forma dinâmica, por meio da utilização de novas estratégias, de novos métodos, de novos recursos pedagógicos, fora que este conteúdo ainda deve priorizar a resolução mesmo que teórica de problemas sociais que desafiam tanto professor quanto aluno, e claro a sociedade – por isso a escolha do tema estereótipos para ser trabalho no PIBID -. Isto é, de nada adianta criarmos novas estratégias se o conhecimento não se tem significado na vida do aluno. A “[...] tarefa docente consiste em trabalhar o conteúdo científico e contrastá-lo com o cotidiano” (GASPARIN, 2009, p. 56), levando ao desenvolvimento pleno das operações mentais de analisar, comparar, criticar, levantar hipóteses, julgar, classificar, deduzir, explicar, generalizar, conceituar, etc. Neste pensamento todo o conhecimento se constrói através de sucessivas aproximações. A partir de cada abordagem nova aprendem-se diversas dimensões dos conteúdos que estão sendo trabalhados. Nesta perspectiva também pode-se pensar o conhecimento como algo dialético que está em constante transformação a partir da *práxis*. Isto é, a partir da análise das revistas o aluno poderá rever sua ação em sociedade, vindo a calhar com os problemas sociais já existente e também provocados por vários fatores, entre eles o estudado: o fator midiático –revistas, telenovelas, filmes, entre outros -.

O tema escolhido foi, visto que uma das mais desastrosas consequências que nos tem refletido na realidade social de grupos sociais de “minorias” no que se diz



respeito ao preconceito é a “[...] rejeição e negação dos seus valores culturais e preferência pela estética e valores culturais dos grupos sociais valorizados nas representações” (SILVA, 2001, p.14). Em outras palavras, procuram não se excluir do social, dos outros, querendo serem iguais, adentrando à valores e características de outra esfera cultural que não sejam as suas, visivelmente não ou mal representada. História é a aula a qual fazemos a intervenção e vemos que apesar da Lei 10.639/2003 que tornou obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira pode ser percebido que os professores não aborda muitas vezes da forma pertinente, interdisciplinar e contextualizada conteúdos importantes como este. Apesar de nossos livros abordarem algumas destas questões, a imagem estereotipada e representada negativamente sempre vem à tona. Outra observação pode ser realizada quanto a moral em se tratando de fatos que envolvem a estrutura familiar e questões de gênero. É perceptível o preconceito “[...] quando se pensa em família, o quadro é a família tradicional e branca” (TRINDADE, 1994, p. 78).

### 3. Passado ainda “presente” ou presente “repetente”?

Nas minhas memórias de criança, indo além das páginas de revista, pouco tempo atrás era comum vermos estampadas nas paredes das escolas em seus diversos ambientes, por exemplo salas de aulas, biblioteca, sala de professores, enfim, encontrávamos cartazes homenageando “célebres figuras” como é o caso de Monteiro Lobato, tão ensinado e tão pouco analisado em seu contexto pelos professores. Ora, por que tão pouco problematizada? Pois bem, de forma minimalista podemos exemplificar expressando a visão em relação ao Brasil – não podendo ignorar a simpatia do escritor ao eugenismo - de Monteiro Lobato em breve comentário, durante uma estadia de quatro anos nos Estados Unidos onde diz que por ele não sairia de lá, entretanto em suas próprias palavras: “[...] a família é um cordão umbilical que me prende a essa cataplasma. Só agora meço em extensão o atraso infinito, e a estupidez maior ainda, da nossa gente. Somos África pura” (LOBATO apud. SODRÉ; PAIVA, 2002, p. 14-15).

O escritor tão aclamado pelo seu amor à pátria, nos dá exemplo de tamanha arrogância e preconceito já existente acerca dos afro-descendentes, como sinônimos de atraso, negatividade – acontece também com os indígenas, representações



(estereótipos) que caracteriza-os como preguiçosos, vadios, por exemplo -. Parando para analisarmos ainda minimalistamente, as obras a serem analisadas de Monteiro Lobato podem ser mais e exploradas, como por exemplo a própria condição de trabalho subalterna posta aos personagens afrodescendentes do Sítio do Pica-Pau Amarelo, entre outros escritos relacionados até à política externa (SODRÉ; 2002). Incrível é pensar que apesar de tudo, ainda encontramos presente os cartazes homenageando-o. Todavia caminhando neste percurso, com a exibição televisiva de Sítio do Pica-Pau Amarelo, além da própria condição posta aos personagens afrodescendentes, para além da série infantil, na história da televisão brasileira vários foram os momentos onde marginalizaram de alguma forma o ser humano.

Não somente na literatura o preconceito também perpassa, bem como, por exemplo, na história da televisão brasileira, podemos citar que ocorreram apresentações de palco e ridículas exposições ao público de pessoas com certas diferenças estéticas que diferem do padrão comumente aceito, “pequenas aberrações humanas” advindas do povo eram seduzidas por prêmios banais e rápidos instantes de visibilidade pública (SODRÉ; PAIVA, 2002, p. 16), assim como ocorre eventualmente o mesmo – de formas diferentes - nas páginas de revistas. Mas, esta ação satírica por parte dos apresentadores, quer queira ou não acaba por construir nos diálogos a representação de que o “feio” é humorizado, colocando as ditas “pessoas feias” nos auditórios fazendo-as submeterem-se ao público em situações constrangedoras por um momento cômico. Tal momento irrisório na história dos meios de comunicação especificamente envolvendo padrão de beleza é descrito pelos comunicadores Muniz Sodré e Raquel Paiva (2002, p. 12-13),

Entre os anos 69 e 72, a televisão brasileira cativava o seu público emergente com programas que exploravam as misérias e as aberrações da condição humana. Sílvio Santos, Jacinto Figueiras Júnior, Dercy Gonçalves, Raul Longras, Chacrinha e outros tinham como matéria-prima televisiva a infelicidade alheia, a mendicância das deformidades físicas, etc. Sílvio Santos hoje um dos empresários mais ricos do país, promovia o desfile de mulheres miseráveis, que contavam suas penas. A mais infeliz, escolhida pelo auditório, era proclamada “rainha por um dia”.

Hoje, é menos comum vermos estas situações na televisão, mas não quer dizer que não haja desrespeito e estereótipo acerca da mulher, por exemplo, na publicidade, discutimos com os alunos que é quase que “natural” enxergarmos mulheres como objetos. O que queríamos[queremos] analisar com isso tudo é que



situações como aquela do rainha por um dia na televisão vivenciadas no passado, nos fazem perceber que com o passar dos anos, terá um momento em que o passado já não é mais reproduzido por ele mesmo, isto é, em sua essência, ao invés é produzido representações acerca deste passado, distanciando cada vez mais. Cedo ou tarde, a probabilidade é que se atinja um ponto em que o passado já não possa mais ser concretamente reproduzido (HOBSBAWM, 1998).

Por isso é sempre importante buscarmos - por mais devagar que seja o exercício intelectual - perceber as permanências do passado em nossa sociedade, que é o caso do preconceito e estereótipos. Além disso, pouco a pouco, de certa forma pensar que as construções de pensamentos que se tem hoje, nos remete a maleável história a qual pertencemos, onde nesta sociedade o poder do capital está acima de muitas coisas para muitas pessoas e isso é reflexo no que será estudado aqui neste artigo. Em outras palavras, a “[...] história, unidade de passado, presente e futuro, pode ser algo universalmente aprendido.” (HOBSBAWM, 1998, p. 35). A história, portanto, podendo ser aprendida, ela pode ser ensinada. E, enquanto professores, na área de história por exemplo, que história é esta que vamos ensinar? Uma história de continua construção de preconceitos e estereótipos? Por mais falhas que tenhamos é importante pensarmos o tempo de mudanças que eternamente vivemos e que marcas deixaremos neste longínquo passado. Cabe a nós decidirmos, analisarmos, observamos e possivelmente até nos enganarmos.

Durante a análise dos resultados obtidos, muito se viu a questão corporal, os corpos atléticos presentes nas páginas, a predominância branca, a ausência de pessoas magras e gordas, a própria condição da mulher e além disso, com a atividade de análise, podemos identificar que um dos impulsos principais envolventes nos resultados desta pesquisa é a busca e fácil aceitação pela verdade. Ora, comumente aceitamos verdades transmitidas por meios discursivos, tais como jornais, revistas, telenovelas, filmes, programas de televisão. Por meios publicitário acreditamos que produtos nos satisfarão, atenderão nossa necessidade, que adentrarmos a padrões de belezas e certas tendências nos trará benefícios e nos fará intocavelmente importantes, tolerarmos certos comportamentos e condutas negligentes acerca da condição das mulheres em nossa sociedade e preconceito acerca de homossexuais por exemplo é perfeitamente normal. Trajamos nossas fantasias, colocamos nossas máscaras, construímos nossa farsa e vivemos o dia-a-



dia a pensar que somos tão livres a ponto de acharmos que somos nós mesmos, triste engano.

Somos seres condicionados a louvar a verdade, tão arriscada verdade que Nietzsche observa dizendo que este “[...] amor pela verdade que nos conduzirá a muitas perigosas aventuras” (NIETZSCHE, 2002, p. 11). Em outras palavras, aceitarmos “verdades” por certo comodismo, acaba por nos tornar seguidores de determinados discursos impostos a nós que culminará em nosso desfavor. São vários os pontos, a começar pelo desequilíbrio social estrondoso, nas relações sociais cotidianas, nas relações do poder legislativo, executivo e judiciário, no imaginário social e até mesmo na construção e representação do que é a sociedade brasileira e nós brasileiros.

#### **4. Considerações finais**

Com base no que foi discutido no texto, podemos entender que o que enxergamos nas páginas das revistas não fica somente estampada nelas, transcende a ponto de refletir nas relações sociais. Peter Fry (2002, p. 305), analisando o poder da mídia afirma que ela é um “fator poderosíssimo na definição da direção básica a ser tomada pelas relações raciais” (2002, p. 305). Além disso, não é de hoje que a mídia controla os discursos. Essas verdades presentes nas publicidades dos diversos meios de comunicação não só propagam através de discursos as “verdades”, mas também ultrapassam esta visão superficial indo para o campo ideológico, onde devemos estar atentos. É, de forma dogmática, propaga o preconceito e intolerância principalmente ao afrodescendente.

Parte do que foi discutido encontra-se exposto nos resultados das pesquisas que aqui não podemos anexar devido ao grande número, entretanto já foi dito o que mais destacou-se. Além do mais como analisado anteriormente, os dados das pesquisas realizadas pelos alunos, nos levam a pensarmos acerca de algumas questões como por exemplo grande parte das propagandas onde exibem pessoas, os seus biótipos se formos analisar, nos traz à tona a questão de estereótipos vigentes em relação a padrões de beleza.

[...] Fischler (1995), o corpo constitui nas sociedades contemporâneas uma conduta resultante de coerções sociais. Basta lembrar as situações de desprezo e desprestígio experimentadas

## REVISTA DE DIVULGAÇÃO INTERDISCIPLINAR DO NÚCLEO DAS LICENCIATURAS



pelos obesos e pelas pessoas consideradas feias em nossa sociedade. Essa discriminação se estende em todo o âmbito social, seja para encontrar um emprego, um namorado, ou nos comentários maldosos feitos por outros indivíduos nas ruas e na própria mídia, que ajuda a reforçar os estereótipos de (im)perfeição. (FLOR, 2009, p. 268)

A supremacia branca e magra transborda das páginas da revista para a triste realidade vivida em nosso cotidiano: o preconceito. Os resultados obtidos na pesquisa foram a partir das análises de revistas, sendo a *Veja* de maior predominância. A partir dos resultados dos alunos, analisamos as edições anteriores a partir da década de oitenta, tendo em vista o centenário da abolição na sociedade brasileira. Esta atividade desenvolvida no PIBID, também nos mostra que é preciso tomar cuidado com determinadas imagens que são utilizadas em sala de aula, até mesmo quando relacionado ao livro didático, pois a construção da representação desta visão preconceituosa no conteúdo dos livros didáticos é um perigo talvez ainda maior “[...] em virtude da importância que lhe é atribuída e do caráter de verdade que lhe é conferido, o livro didático pode ser um veículo de expansão de estereótipos não percebidos pelo professor” (SILVA, 2001, p.15).

Acima de tudo, um professor e um grupo de professores questionadores e investigadores podem desenvolver competências e habilidades que os torne capacitados para lidar com as diferenças e com os conhecimentos que possibilitará a emancipação de todos os povos. Mesmo assim, ao lidar com o preconceito e as diversas culturas, poderia trabalhar estas questões visando a interação social de diversas culturas, de diversas etnias, de diversos gêneros, rompendo enfim, com este laço que estamos diretamente, queira ou não queira, ligados que é a intolerância e o preconceito. O silêncio envolvente nas reflexões/discussões sobre preconceito e intolerância no contexto escolar e que tem contribuído para que as diferenças sejam concebidas como desigualdade e inferioridade poderá ser rompido. Essa é a beleza da possibilidade da mudança, do escrever uma outra história humana.

### REFERÊNCIAS

FLOR, Gisele. **Corpo, mídia e status social**: reflexões sobre os padrões de beleza. Rev. Estud. Comun., Curitiba, v. 10, n. 23, p. 267-274, set./dez, 2009. Disponível em <<http://www2.pucpr.br/reol/index.php/comunicacao?dd99=pdf&dd1=3635>> Acesso em 02 jun. 2017.



FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo, Loyola, 1996.

FRY, Peter. Estética e Política: Relações entre “raça”, publicidade e produção da beleza no Brasil. In: Mirian Goldenberg (org.). **Nu e Vestido**: antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. Editora Record: Rio de Janeiro, 2002.

GASPARIN, João Luiz. **Uma didática para a pedagogia histórico-crítica**. 5. Ed. Campinas: Autores Associados, 2009.

HOBBSBAWM, Eric. **O sentido do passado**. In.: \_\_\_\_\_. Sobre História. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

LIBÂNIO, J.C. **Adeus professor adeus professora?**. 13 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich. **Além do Bem e do Mal**. São Paulo: Companhia das Letras, 2ª ed. 2002.

NUNAN, Adriana; JABLONSKI, Bernardo (Orientador). **Homossexualidade e discriminação**: o preconceito sexual internalizado. Rio de Janeiro, 2007. 390p. Tese de Doutorado – Departamento de Psicologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

SILVA, Ana Célia da. A desconstrução da discriminação no livro didático. In: MUNANGA, Kabengele. **Superando o racismo na escola**. 3. ed. Brasília: Ministério da Educação, 2001.

SODRÉ, Muniz. **Claros e escuros**: identidade, povo e mídia no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1999.

\_\_\_\_\_. ; PAIVA, Raquel. **O império do grotesco**. Rio de Janeiro: MAUD, 2002.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. **O racismo no cotidiano escolar**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1994. Disponível em <<http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/8948/000304120.pdf>> Acesso em: 27 jun. 2016.



## ANEXO 1

### ANÁLISE DE ESTEREÓTIPOS COM MAIOR REPRESENTAÇÃO MIDIÁTICA

1 Analisando as revistas, verifique o número de pessoas e seus biotipos e anote os dados encontrados.

Revista _____ Edição _____	Quantidade de pessoas	Quantidade de páginas	Seções
Negros/as			
Brancos/as			
Pardos/as			
Indígenas			
Amarelos (asiáticos)			
Pessoas gordas			
Pessoas magras			

2. Analisando a tabela preenchida acima, quais os estereótipos de beleza mais exigidos pela mídia?

---

3. Analisando a tabela preenchida acima, qual a cor de pele mais encontrada nas revistas?

---

4. A que conclusões vocês podem chegar ao analisar os resultados das questões acima?

---

5. Com os dados coletados, elabore um gráfico para representar os resultados da tabela:

- Atividade elaborada por Inaê, Maria da Conceição (acadêmicas) e Selina (professora da escola).